

Anarquismo e Imprensa Operária do Rio de Janeiro na Primeira República

Marcos Aurélio Santana Rodrigues¹

“Combatemos pela anarquia e como anarquistas queremos a socialização da propriedade”².
(Jornal *A Guerra Social*)

Aos que ainda têm dúvidas sobre a eficácia da doutrina sindicalista, que baseia as reivindicações operárias na ação direta e esperam algo pela liberdade das leis da democracia dos governos, lembramos esta frase que exprime verdade irrefutável: “em cada lei operária há, sob a magra isca, um sólido anzol de aço”³.
(Jornal *A Voz do Trabalhador*)

Apresentação

O objetivo deste texto é analisar e comparar os discursos da imprensa anarquista e da imprensa operária do Rio de Janeiro, através da materialidade dos seus editoriais de lançamento, a fim de detectar as diferenças e as similitudes discursivas entre as propostas iniciais destes dois tipos de imprensa. Para tanto, partindo das teorias de identidade e diferença⁴, faremos análise dos discursos das duas imprensas⁵, baseados na hipótese que formam discursos diferentes de imprensa, com objetivos diferentes. Uma vez analisadas essas diferenças, faremos comparações destas duas imprensas⁶, partindo da hipótese que formulam enunciados que encadeiam tanto a militância anarquista quanto a militância operária. Portanto, analisaremos os processos de diferenciações e de identidades presentes nessas duas práticas discursivas.

1. Marcos Aurélio Santana Rodrigues é mestrando de História do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), coordenador do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) e membro do Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA-NEC / UFF).

2. *A Guerra Social*, 29 de junho de 1911. p. 1.

3. *A Voz do Trabalhador*, 1º de janeiro de 1913. p. 1

4. SILVA, 2003.

5. FOUCAULT, 2003; 2002.

6. DETIENNE, 2003.

Em princípio, consideramos que os termos *imprensa anarquista* e *imprensa operária*, genericamente falando, podem mascarar uma multiplicidade de práticas jornalísticas no interior de vários grupos militantes anarquistas e de organizações operárias. O problema é que, dos anos de 1970 até meados dos de 1990, tratou-se essas duas imprensas como uma só, falou-se de anarquismo a partir de periódicos operários e falou-se de movimentos operários a partir dos periódicos anarquistas.

Neste sentido, podemos dizer que nas relações entre anarquismo e imprensa operária no Rio de Janeiro, existiram dois tipos de práticas jornalísticas, correspondentes a dois tipos de grupos editores, voltados para dois tipos de públicos – um de militantes e simpatizantes dos discursos anarquistas (que também envolviam os trabalhadores) e outro de militantes sindicais e operários (gráficos, garçons, metalúrgicos e outros, que também envolviam anarquistas) preocupados com suas respectivas categorias profissionais e com os problemas que se apresentavam a elas. Além disso, a imprensa anarquista e a imprensa operária podem ser consideradas ordens e práticas discursivas diferentes, possuem suas próprias linguagens e representações.

Mesmo constatando as diferenças, podemos dizer que os anarquistas participaram das duas imprensas. Na imprensa anarquista participaram como editores e colaboradores, que delimitavam e controlavam os textos que seriam publicados pelos seus respectivos periódicos. Na imprensa operária muitas vezes os anarquistas fizeram parte dos seus grupos de colaboradores e, em alguns casos, de grupos editores.

As representações do anarquismo na imprensa anarquista eram diferentes das representações do anarquismo na imprensa operária, mas todas elas tomavam por base enunciados que fundamentavam o discurso anarquista. Neste sentido, o que nos parece mais importante é que, mesmo que os anarquistas não estivessem presentes no controle de associações operárias e de seus periódicos, a ordem do discurso anarquista de organização da sociedade e de mobilização dos grupos sociais, os enunciados anarquistas, melhor dizendo, estavam presentes nas concepções de organização de muitas associações de trabalhadores.

Aspectos gerais das imprensas anarquista e operária na Primeira República

No período da Primeira República podemos dizer que os periódicos anarquistas começaram a circular com mais regularidade, no Rio de Janeiro, a partir de 1898 – com o jornal *O Despertar* – até meados dos anos de 1920. Este período, principalmente a partir de 1910, pode ser caracterizado

pela maior presença do discurso anarco-sindicalista no Brasil, fato que pode ser verificado pela ascensão deste discurso anarquista em associações operárias. Esta presença parece ter se dado de duas formas: pela presença de anarquistas nestas associações e pela influência dos discursos e métodos libertários. Embora ocorressem discussões entre os anarquistas sobre a atuação deles nos sindicatos, discussões que já vinham sendo feitas desde o final do século 19 na Europa, o discurso anarco-sindicalista teve maior penetração no Brasil, segundo a historiografia – e os jornais também apontam isso –, que os outros discursos, principalmente por atuarem nos sindicatos, que seriam os setores mais organizados dos movimentos sociais naquele momento. A atuação social dos anarquistas teve maior expressão, portanto, nas associações operárias.

No caso da imprensa ressaltamos que desde o último quarto do século 19 vários periódicos anarquistas e operários foram editados em vários lugares do país, porém não tiveram a regularidade dos primeiros 20 anos do século 20. No caso dos periódicos anarquistas, embora alguns tivessem sido mantidos durante anos, e até décadas, a maioria não conseguiu se manter por muito tempo. Os motivos podem ter sido vários: desde condições financeiras para manutenção dos títulos até empastelamentos promovidos pelo Estado através da polícia, com apoio do patronato.

Podemos considerar, além disso, que a presença do anarquismo nos discursos do movimento operário se deve, entre outras coisas, às condições específicas das organizações dos trabalhadores e das relações de trabalho. A partir do início do século 20, os anarquistas passaram a ter maior influência nos movimentos operários e nas suas associações e sindicatos, principalmente no 1º Congresso Operário Brasileiro (1º COB), em 1906 – que fundou, em 1908, a Confederação Operária Brasileira (COB), como forma de tentar “unificar” as lutas das organizações operárias, a partir da perspectiva de organização de sindicatos e de federações, influência esta que iria durar até meados dos anos de 1920.

Em outras palavras, este discurso manteve uma certa representatividade, identidade e regularidade nos anos de 1906 até 1922, período de emergência e consolidação dos movimentos operários de forma mais organizada e sistematizada e de refluxo dos movimentos – refluxo motivado, entre outras razões, pelas expulsões de operários estrangeiros do País, pela repressão aos movimentos operários e, também, pelo Estado de Sítio decretado por Artur Bernardes a partir de 1922. Entretanto, parece que a questão das expulsões de estrangeiros não afetou demais o movimento operário no Rio de Janeiro; as duas últimas sim.

Em suma, essas experiências pelas quais passou o movimento operário, no início dos anos de 1920, devem ter provocado reflexos nos movimentos

anarquistas que fizeram das associações de trabalhadores, principalmente, suas bases de atuação militante, de citacionalidade e de proliferação dos discursos anarquistas, principalmente o discurso anarco-sindicalista.

Embora os lançamentos de vários periódicos anarquistas tenham características que assemelham alguns e que diferenciam outros, cabem algumas questões como: o que queriam os grupos editores com os lançamentos desses periódicos? Quais eram seus objetivos? Quais eram as justificativas e os sentidos dos periódicos? Quais poderiam ser as relações entre esses dois grupos de editores e de interesses? Como poderiam colaborar uns com os outros?

Estas questões, entre tantas outras, podem ser levantadas a partir dos editoriais de lançamentos de alguns desses periódicos anarquistas na cidade do Rio de Janeiro, e cidades próximas – como Niterói e Petrópolis –, na Primeira República, principalmente no período de maior presença do anarquismo no Brasil, conforme já apontamos.

Imprensa anarquista e imprensa operária no Rio de Janeiro

Imprensa anarquista

Diante dessas considerações iniciais, podemos dizer que os editoriais de lançamentos de periódicos da imprensa anarquista têm como características textos que tratam de temas gerais, como: questões sociais, econômicas, culturais e políticas, sempre com posicionamento crítico à organização social.

Foram diversos os periódicos anarquistas lançados neste período, como: *A Guerra Social*, *A Aurora*, *O Jerminal*, *Spártacus*, *A Alvorada* e outros. Entretanto, para efeitos de análise geral da imprensa anarquista, destacamos somente seis deles.

A Guerra Social, cujo administrador era João Arzua, foi lançado no dia 29 de junho de 1911. O seu primeiro editorial, sem autoria de um redator ou do grupo editor, tem o título “Surgindo para o anarquismo” e destaca, logo de início, seus objetivos libertários. Destaca o combate ao Estado burguês e ao parlamentarismo, analisando a exploração dos trabalhadores. Destaca também os ideais e os objetivos referentes à luta pela emancipação e organização revolucionária. Portanto, o que o editorial propôs – o que os anarquistas do grupo editor deste periódico queriam – era a organização dos trabalhadores com caráter revolucionário.

A revista *A Vida* foi lançada no dia 30 de novembro de 1914. Sua sede era localizada na Rua Uruguaiana, nº. 114, no centro da cidade do Rio de Janeiro. O número avulso custava 200 réis e a assinatura 5 mil-réis.

Sua impressão ficava a cargo da Tipografia Internacional, localizada na Rua São Pedro, nº. 203.

Podemos dizer que embora *A Vida* não apresente claramente seus objetivos por meio de um texto de apresentação, ela deixa clara sua orientação teórica e filosófica quando estampa como subtítulo “Publicação Mensal Anarquista”. Talvez, por esse motivo, ela dispensasse maiores comentários. Entretanto, no nº. 2, no texto intitulado “Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa”, os editores preocuparam-se em falar sobre o acolhimento da revista, assim como seus objetivos.

Além disso, a diversidade de temas discutidos neste e em outros números – não é demais dizer, ao que tudo indica, que foram publicados somente sete números neste período –, por militantes como Fábio Luz, José Oiticica, Primitivo Soares, entre tantos outros, pode nos levar a considerar essas características como explicitamente anarquistas. Um anarquismo que está mais preocupado com questões que antecipam uma nova organização social, que discute questões sobre as mulheres, que critica a sociedade em que estava inserido e que, finalmente, não está se baseando somente nos meios operários, como lugar de difusão dos discursos libertários, como lugar de organização de uma nova sociedade. É possível que tenham pretendido discutir mais amplamente outros pressupostos libertários que não estavam inscritos somente no anarco-sindicalismo, ou no sindicalismo revolucionário. A leitura de *A Vida* permite considerar que era uma das mais importantes revistas de debates anarquistas daquele momento, considerando-se sua variação temática e os seus colaboradores, ou seja, é possível perceber traços de vários discursos anarquistas nas páginas desta revista.

O periódico *O Jerminal*, de tendência anarquista, foi lançado em 1º de maio de 1919. O texto do editorial faz considerações sobre questões acerca da verdade e da razão, que se contrapõem à fé cega e institui o princípio do livre exame, e que com as ciências positivas “a verdade tende a deixar de ser privilégio de alguns para se converter em patrimônio de todos”. O grupo editor, neste texto, afirma também que, a partir da ciência e da verdade, “faremos incidir sobre a imensa série de injustiças sociais a luz da verdade, convictos que assim contribuiremos para a ingente e gloriosa obra de regeneração humana consubstanciada na abolição da escravatura moderna, ou seja, a extinção do salariedade”.

Em suma, podemos dizer que entre os objetivos do periódico estava a revolução das relações de trabalho e acumulação e do regime de propriedade, assim como a revolução econômica e social, através dos trabalhadores.

O periódico *A Aurora*, de Petrópolis, dirigido por Santos Júnior, foi lançado em julho de 1919. O seu editorial de lançamento, intitulado “Saibam quantos”, fala que a prática da publicidade exige que um jornal, revista ou panfleto, ao surgir, deve colocar a razão e a causa para que nasceu. Entretanto, considera isso irracional.

Em linhas gerais, o breve texto do editorial de lançamento de *A Aurora* se propõe criticar a realidade social, mas ele acaba sendo muito vago, sem especificar e localizar melhor o seu provável público leitor. Além disso, como diz o seu próprio subtítulo, seria um panfleto de crítica social.

O periódico *Spártacus* foi lançado em 02 de agosto de 1919. Neste número de lançamento foram editados 4.000 exemplares, número que aumentou para 6.000 mil no segundo número. O editorial deste primeiro número de *Spártacus* foi assinado por José Oiticica – como todos dos outros números – e fala sobre a figura histórica e revolucionária de Spártacus, no contexto da sociedade romana da Antigüidade. Parece-nos que todo esse editorial não está muito preocupado em explicitar, numa linguagem mais direta, conforme as tendências dos demais periódicos, os ideais libertários e revolucionários – vale lembrar que este periódico teve Astrogildo Pereira, Octavio Brandão, Antonio Bernardo Canellas, Neno Vasco, Pedro Rangel, Aurélio Corvino, além do próprio José Oiticica, como seus colaboradores. Entretanto, essa explicitação, seguindo e justificando o próprio nome do periódico, se dá através de exemplos históricos, não de uma história dos grandes feitos dos homens políticos, mas de uma história que “prescindia” de um ponto de vista das “classes” oprimidas.

Em 31 de março de 1921 foi lançado, em Petrópolis, o periódico *A Alvorada*, do Grupo de Instrução Proletária de Petrópolis. Sua redação ficava na Av. 15 de Novembro, nº 1037. O fato de colocar o endereço do periódico é curioso, porque grande parte dos periódicos não colocava endereço. O canal de comunicação entre estes e o público leitor e assinante era por meio de caixas postais. O título do editorial de lançamento de *A Alvorada* é “Antes de tudo”, que inicia falando sobre sua orientação, que é cobrada pelo operariado e pelo povo, já que é seu órgão de defesa de interesses e de direitos. É importante destacar que o periódico se coloca como defensor dos interesses do povo e do proletariado, do mesmo modo que diversos outros periódicos da imprensa anarquista. O texto deste editorial é muito breve, mas deixa claro os seus objetivos, além dos principais agentes sociais que querem atingir. O primeiro editorial deste periódico diz que em torno da orientação “socialista-associativa” tecerá comentários sobre a questão social. Segundo o texto, o periódico estaria aberto aos que lutam por dias melhores. Contudo, este texto não coloca a questão de um projeto social revolucionário com base nas premissas libertárias. Para um jornal de viés mais teórico, e que contava com um grupo de colaboradores bastante

críticos às questões sociais e formuladores de reflexões sobre a superação da sociedade daquele momento, estas propostas iniciais parecem vagas. De todo modo, *A Alvorada* se coloca como defensor das classes operárias, mesmo não se propondo a discutir questões mais pontuais das categorias de trabalhadores.

Retomando o conjunto destes periódicos que formam parte da imprensa anarquista do Rio de Janeiro, podemos considerar que procuram formar identidades em torno de sua linguagem libertária e sua ordem discursiva, ou seja, formar sujeitos anarquistas.

Neste sentido, os enunciados mais utilizados do discurso anarquista por esta imprensa foram: “a verdadeira voz que representa os operários”, a emancipação, a organização revolucionária, a greve geral, a colaboração, o antimilitarismo, o antipatriotismo, o anticlericalismo, o bem-estar dos trabalhadores, a nova organização social, a sociedade libertária, a autonomia. Portanto, enunciados de vários discursos anarquistas que se repetiam nesta imprensa.

Imprensa operária

Muitos periódicos da imprensa operária da década de 1910, no Rio de Janeiro, tiveram o discurso anarquista nas suas linhas, assim como a própria orientação dos movimentos operários expressa em vários sindicatos e associações operárias.

Se por um lado os periódicos anarquistas estavam preocupados em discutir as questões sociais e do mundo do trabalho, inserindo-se principalmente no sindicalismo, por outro lado os periódicos operários de influência anarquista estavam mais preocupados com questões pontuais que se relacionavam com as demandas e com os cotidianos das próprias categorias de trabalhadores.

Neste sentido, mesmo que influenciados pelo discurso e pelos métodos anarquistas, os redatores e colaboradores destes periódicos parecem ter se preocupado mais com os problemas a resolver nas suas relações de trabalho do que com um processo de mudança social mais radical.

A prática associativa dos trabalhadores poderia provocar maiores e mais intensas mudanças para as próprias categorias do que as discussões mais teóricas. No entanto, isso não quer dizer que os periódicos operários não faziam discussões de viés teórico; isso quer dizer que estavam focando mais as questões cotidianas e relacionadas às categorias. O importante é saber pelo que lutavam os sindicatos daquele momento e ver se os anseios dos operários poderiam ter relações com os discursos anarquistas.

Nesta imprensa operária podemos destacar os editoriais de alguns periódicos lançados entre 1911 e 1922. Os periódicos são os seguintes: *A Voz do Trabalhador* (Órgão da Confederação Operária Brasileira), *O Cosmopolita* (Órgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bares e Classes Congêneres), *O Metalúrgico* (Órgão oficial da União Geral dos Metalúrgicos), *A Burla* (Jornal de Oposição dos Gráficos). Conforme dissemos, anteriormente, para efeito de generalização da imprensa operária de influência anarquista, esses periódicos parecem suficientes.

Em 1º de maio de 1913 foi relançado o periódico *A Voz do Trabalhador*, cuja redação e administração estavam situadas à Rua Barão de São Gonçalo, nº 6 (Sede da Confederação). As correspondências deveriam ser enviadas à Caixa Postal nº 1427. Este relançamento ocorreu após um período de aproximadamente quatro anos, quando em dezembro de 1909 o grupo editor lançou o número 21 e encerrou aí uma primeira fase. Com este relançamento, o grupo editor optou por dar continuidade ao programa editorial anterior, e também o da Confederação Operária Brasileira, e continuou a numeração, ou seja, reiniciou com o Número 22. Além disso, deu seqüência à cronologia, ou seja, Ano 6 e não Ano 3 como era de se esperar.

O editorial de lançamento deste periódico se intitulava “Aqui Estamos”. Neste texto, *A Voz do Trabalhador* propôs uma luta social, a partir do sindicalismo e da ação direta, por melhorias na vida econômica dos trabalhadores, fora da égide do Estado e do patronato – e também da política praticada pelos partidos –, balizada pela cooperação e a solidariedade entre os próprios trabalhadores.

O periódico *O Cosmopolita* foi lançado em 26 de outubro de 1916. O título do editorial de lançamento é “Nosso Rumo”. O texto diz que se lançam dispostos a proclamar as injustiças sociais, aprofundando as causas dos males e as desigualdades da sociedade. Revela entusiasmo, impelido pela liberdade, e proclama que o lançamento deste jornal vem preencher grande lacuna. Enfatiza que o jornal é feito por trabalhadores e para os trabalhadores. Ressalta que o jornal requer a ajuda dos trabalhadores na crítica contra a opressão, na demolição do velho mundo de iniquidades. Encerra clamando os trabalhadores a ajudá-los nessa “ingente obra de emancipação”.

O periódico *O Metalúrgico* foi lançado no dia 1º de maio de 1918. O editorial de lançamento inicia dizendo que a imprensa desta cidade vem chamando a atenção para o estado de guerra em que o Brasil se encontra. Destaca a conjuntura do final da Primeira Guerra Mundial no Brasil e do estado calamitoso que se encontra, principalmente, a categoria dos metalúrgicos. Fala sobre as represálias empregadas pelos industriais “aos companheiros que reivindicam seus direitos”.

Ao que tudo indica, em suma, o editorial está preocupado com a conjuntura econômica dos trabalhadores, com o seu cotidiano de miséria e dificuldades, além de condições de trabalho e de relacionamento com o patronato e o Estado. Uma das possibilidades de saída é a revolta e a reivindicação. Embora a leitura que o texto faça da realidade seja clara, de um momento de muitas dificuldades até mesmo para o movimento associativo, ele não radicaliza suas propostas para um sindicalismo revolucionário e um método de ação direta – e outros pressupostos anarquistas – ficando em uma posição mais moderada. Talvez, como aponta o próprio texto, os operários estivessem intimidados – pelo próprio contexto repressivo – em relação aos movimentos associativos e de combates às explorações do patronato aos operários.

Em 20 de agosto de 1921 foi lançado o periódico *A Burla*. Era um jornal de distribuição gratuita e semanal. Vale destacar que o periódico não registra nomes dos editores, assim como nenhum dos artigos e notas.

O editorial de lançamento deste periódico foi intitulado “Duas palavras à guisa de programa.” Diz o texto: “A publicação deste minúsculo órgão semanal representa a tentativa de elevar, pelo sentimento e pela razão, a mentalidade ora decadente da classe gráfica. Pretensão? Seja embora”. O texto segue falando sobre o desrespeito à Lei do Descanso aos domingos – para que as folhas da grande imprensa circulassem às segundas –, que levava os operários gráficos a trabalharem sob as arbitrariedades dos patrões. Assim, o periódico estaria defendendo a Lei de Descanso e a dignidade dos operários. Diz o texto: “Aqui estamos, pois, na defesa de um direito legítimo, líquido, insofismável. Oxalá se compreenda o nosso esforço. Preza aos ideais novos que a nossa vitória seja certa”.

Estes seriam objetivos do grupo editor deste periódico. Entretanto, ele tem uma preocupação com a divisão da categoria e deixa claro que não é este o seu objetivo, ao contrário, procura fortalecer e conjugar as forças associativas.

Portanto, podemos considerar que, a partir das discussões do texto, que um certo grupo de oposição da associação dos gráficos, editou um jornal de oposição dentro da categoria, mas que não pretendia dividi-la mais, embora ela já estivesse dividida, segundo o periódico. Neste sentido, o grupo propõe a unidade e a solidariedade da categoria e a luta a partir de uma discussão pontual, neste caso, o respeito à Lei de Descanso, que acabava sendo burrada tanto pelos patrões quanto pelos próprios operários gráficos.

Em linhas gerais, a partir da análise destes discursos da imprensa operária, podemos considerar que, diante de uma variedade de sindicatos, com interesses dos mais diversos matizes, o discurso anarquista esteve presente na organização dos vários movimentos operários experimentados durante toda a década de 1910.

Em suma, os discursos desta imprensa operária, procuravam formar identidades em torno da linguagem sindical e da sua ordem discursiva. Ou seja, formar sujeitos sindicalistas, em discursos que se fundamentavam em vários enunciados dos discursos anarquistas.

Neste sentido, os enunciados mais utilizados nos discursos desta imprensa operária foram: associação, organização, colaboração, revolta, ação direta, sindicalismo, emancipação, afastamento da política, luta econômica, reivindicação, conquista, autonomia. Portanto, enunciados de vários discursos anarquistas que se repetiam nesta imprensa.

Considerações finais

Comparando essas duas imprensas, a partir dos editoriais e de seus enunciados em comum – que se remetem, em síntese, à revolta, à emancipação, à organização, à associação, à conquista e à autonomia –, podemos considerar que as representações, a linguagem, a simbologia e os discursos do anarquismo estavam presentes nestas duas formas de imprensa no Rio de Janeiro na Primeira República.

Nesta comparação podemos ver construções de sentidos, de linguagens, de identidades e de diferenças em torno do discurso anarquista e operário, através de um de seus meios de comunicação, a imprensa. Estes sentidos enunciados procuravam proliferar seus discursos e formar sujeitos para a militância de ambos movimentos.

Diferenciando as imprensas anarquista e operária do Rio de Janeiro e comparando-as, podemos considerar que tinham discursos que enfatizavam a liberdade, a emancipação, a revolta, a reivindicação e a autonomia e vários outros enunciados que faziam parte das estruturas tanto do discurso anarquista quanto do discurso operário. Era através desses encadeamentos que estas duas discursividades dialogavam e proliferavam os discursos e as práticas libertárias. Portanto, utilizando discursos diferentes, mas com enunciados comuns – enunciados do anarquismo –, estas duas imprensas procuraram formar sujeitos para suas causas, colocá-los em suas ordens discursivas e dar sentidos às suas práticas e seus projetos.

Referências bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

- BIONDI, Luigi. “Anarquistas Italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista *La Bataglia* e a sua visão de sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários etnocêntricos”. In: *Cadernos AEL*, nº.8/9. Campinas: AEL/Unicamp, 1998.
- DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.
- DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- _____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GIANNOTTI, Vito. *O Que é Jornalismo Operário?* São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____; FLAKSMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo (coords.). *Velhos Militantes. Depoimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LEAL, Claudia Feierabend B. “Anarquismo em Prosa e verso: literatura e propaganda anarquista na imprensa libertária de São Paulo durante a Primeira República”. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil. Vol.1*. Niterói: EDUFF, 2006.
- MENDES, Álvaro. *Breve História da Imprensa Sindical no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005. (Coleção Cadernos da Comunicação. Série Estudos).
- MORAES FILHO, Evaristo de. *O Problema do Sindicato Único no Brasil. Seus fundamentos sociológicos*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- PEREIRA, Astrogildo. “A Imprensa Operária no Brasil”. In: *Revista Novos Rumos*. Ano 5, nº. 18/19. Rio de Janeiro: Instituto Astrogildo Pereira, 1990.
- PINTO, Leonardo C. *O Inimigo do Rei: um jornal anarquista*. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil. Vol.1*. Niterói: EDUFF, 2006.
- RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Florianópolis: Editora Insular, 1997.
- RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *A Presença Anarquista no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro*. Trabalho Final Graduação / Departamento de História UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

- SILVA, Rodrigo Rosa da. "Idéias como Delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945)". In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. Vol.1. Niterói: EDUFF, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. "A Produção Social da Identidade e da Diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TOLEDO, Edilene. "Em torno do Jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século". In: *Cadernos AEL*, nº. 8/9. Campinas: AEL/Unicamp, 1998.